

23 DE NOVEMBRO DE 2007



Kriolidadi

CULTURA E VARIEDADES

A SEMANA



O FAZEDOR DE UTOPIAS

UMA BIOGRAFIA DE AMÍLCAR CABRAL



ANTÓNIO TOMAS

Cabo Verde e Açores homenageiam
Manuel Lopes



Feira cabo-verdiana em Fortaleza

Sob o lema “*Clareza na Terra do Sol*”, a embaixada de Cabo Verde no Brasil promove uma vez mais, em parceria com a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, uma feira cabo-verdiana em Fortaleza.

De 26 a 29 de Novembro personalidades várias participam do evento que visa promover a cultura cabo-verdiana no Brasil. Um dos pontos altos do programa será a exposição-venda de livros nacionais.

Serão cerca de 1000 exemplares a viajar até Fortaleza, tendo sido seleccionados aproximadamente 115 títulos das várias editoras nacionais.

Outros ítems do programa são debates, espectáculos musicais, exposições e conferências com destaque para a palestra “*Convergências Entre o Regionalismo Nordestino na Formação do Movimento Clareza*” e a exibição do documentário televisivo “*Clareza: a incandescência de uma Revista de Letras ou de um Movimento Cultural?*”, a decorrer no Centro Cultural Dragão do Mar.

Djinho Barbosa, Ricardo de Deus, Vera Duarte, Germano Almeida, Margarida Fontes, Filinto Elísio e os Raiz di Polon, além de Simone Caputo e outros intelectuais brasileiros são alguns dos nomes a marcarem presença neste acontecimento onde também se vai analisar, debater e ressaltar as influências múltiplas entre Brasil e Cabo verde.

CM



Por: MÁRIO PAIXÃO LOPES

À memória de Renato Vigliar, um velho amigo de Cabo Verde



No passado 18 de Novembro, faleceu o Comandante Renato Vigliar, de 94 anos de idade, enquanto dormia na sua residência, em Roma. Concluía, desta forma, o seu longo percurso como homem da aviação. Nasceu em Salerno, Itália, a 12 de Abril de 1913, e começou a voar em 1934, na escola aeronáutica de Capodichino, passando depois para a escola de caças Castiglio del Lago. Em 1938, foi mobilizado para uma das esquadrilhas “*sorci verdi*”, comandado por Bruno Mussolini, o homem que viria a incentivar e construir o Aeroporto do Sal, em 1939. Entrementes, trabalhou para a companhia aérea All'A Littoria e, em 1937, concluiu um mestrado em economia dos transportes, com uma tese sobre “*Os custos de produção dos transportes aéreos*”. Pilotou diversos tipos de aviões, começando nos SIAI Marchetti 82 e 83, passando pelo Lancastrian e pelo DC8/62, totalizando mais de 25.000 horas de voo e 900 travessias do Atlântico, 34 das quais nos trimotores SM 83, com escala na Ilha do Sal. A linha do Atlântico Sul, com uma longitude de 13.767 quilómetros, foi inaugurada a 15 de Dezembro de 1939, pelo comandante Gori Castellani, dando início a um serviço semanal que operava de Roma a Sevilha (onde embarcava a carga proveniente de Espanha e também de Portugal, mais propriamente de Lisboa), Villa Cisneros, Ilha do Sal e, por fim, Recife. De aí o avião prosseguia para Rio de Janeiro e Buenos Aires, antes de começar o trajeto de regresso.

Renato Vigliar obteve da sua pátria natal o estatuto de Comendador da República Italiana e diversas condecorações e medalhas de mérito, uma das quais por ter realizado uma aterragem de emergência no mar de Bengasi, em Abril de 1942, conseguindo que todos os ocupantes saíssem ilesos do acidente. Foi também alvo de homenagens no Brasil (medalha de Mérito “*Santos-Dumont*”, a 7 de Setembro de 2001), mas foi a Cabo Verde, a sua segunda pátria, que ele se entregou de corpo e alma. O seu amor pelo arquipélago e a amizade pelas suas gentes, foram retribuídas com as seguintes homenagens: título de Cidadão Honorário da Ilha do Sal, pela Assembleia Municipal do Sal, a 21 de Maio de 1999; Medalha de Mérito de 2º Grau, pelo Presidente da República de Cabo Verde, a 27 de Maio de 2002; atribuição do seu nome a uma rua de Espargos, pela Câmara Municipal do Sal, a 12 de Abril de 2003.

Os relatos das travessias atlânticas de Renato Vigliar estão repletos de menções a Cabo Verde, onde realça a ansiedade dos pilotos em avistar o vulcão do Fogo, a mais de 150km de distância, “*permitindo-nos assim corrigir a nossa rota e ficar já tranquilos pois a travessia es-*

tava no fim”, bem como de singelas recordações dos anos 40, tal como fez no seu discurso das celebrações do 63º aniversário do primeiro voo Roma-Sal, ao evocar, de forma emocionada, o seu “*querido amigo pescador Nicolau (Ti Clau) que pescava em Palmeira e me chamava para ajudá-lo a puxar o atum para fora da água*”.

No período anterior à II Guerra Mundial, Renato Vigliar voou com regularidade para o Sal, onde chegava e rumava logo para a Preguiça “*um pequeno agrupamento de casotas de bidão e tábuas de madeira, sem água nem luz, onde viviam pessoas com um coração de ouro*”. Levava-lhes água, cestos com alimentos e chocolate para as crianças. Inesperadamente, a 21 de Dezembro de 1941, o Brasil cedeu às pressões dos Estados Unidos da América e ordenou a cessação das viagens entre Roma e Rio de Janeiro. Era o prólogo da Declaração de Guerra comunicada pelo Brasil seis meses mais tarde. Todos os materiais da LATI na Ilha do Sal foram confiscados, a base foi desmobilizada e todo o pessoal foi repatriado, com excepção de Luigi Salvi, “*um pequeno rei destronado e esquecido a olhar para o céu, as tempestades e o destino*”.

Depois da II Guerra Mundial, mais precisamente em 1950, Renato Vigliar retomou as viagens para a Ilha do Sal, agora ao comando dos quadrimotores Douglas DC-4, DC-6/B e DC8/62, ao serviço da Alitália. Com o advento dos pluri-reactores de grande autonomia, a partir da metade de 1961, a Alitália deixou de escalar o Sal, mas Renato Vigliar nunca desistiu de visitar a sua “*Isola di Sale*”, maravilhando-se com as transformações que encontrava a cada passo. Em 2003, tive o privilégio de receber uma chamada do comandante, anunciando-me que queria celebrar o seu 90º aniversário na Ilha do Sal, ao lado da esposa e dos cabo-verdianos, a sua grande família. A festa, abrilhantada pelo saudoso Ildo Lobo, foi inesquecível. Renato Vigliar era a viva imagem de alegria e felicidade. Citei-lhe de cor a frase impressa na placa comemorativa do 63º aniversário do primeiro voo Roma-Sal, afixada na entrada do Aeroporto Internacional Amílcar Cabral: “*como recordação das asas italianas que em primeiro lugar pousaram na Ilha do Sal, para unir povos e continentes e trazer amizade às gentes de Cabo Verde*”.

A última visita do Comandante à Ilha do Sal foi em Março do corrente ano. Mal podia caminhar e precisava cada vez mais de repouso, mas estava fora de questão não visitar a sua segunda Pátria. Na despedida, ele disse-me simplesmente: “*Tal como fazia antes de tomar o meu lugar no cockpit, hoje, ao deixar Cabo Verde, vou escutar o Largo di Hendel*”.

Descanse em paz, querido amigo.

Biografia de Cabral apresentada em Portugal

“O Fazedor de Utopias - Uma Biografia de Amílcar Cabral”, livro do jornalista e escritor angolano António Tomás, foi lançado na quarta-feira, 21, em Lisboa, na Casa Fernando Pessoa. O livro traz a chancela da “Tinta-da-China”, editora recém-criada em Portugal.

“O Fazedor de Utopias - Uma Biografia de Amílcar Cabral” já se encontra no mercado em Portugal e esforços vêm sendo feitos para ser também lançado em Cabo Verde. O livro, sabe **A Semana**, já tem a sua edição garantida no Brasil, através da “Língua Geral”, uma editora que pretende dar a conhecer autores africanos de língua portuguesa.

Nesta biografia, a primeira de grande fôlego sobre um líder nacionalista africano a ser lançada pela “Tinta-da-China”, António Tomás não se limita a reconstituir a vida de Amílcar Cabral. Também dá conta da época conturbada em que se desenrolou a gesta nacionalista africana, tendo para o efeito o autor pesquisado em arquivos de Portugal, França, EUA, mas também da Guiné-Bissau e Cabo Verde, além de testemunhos recolhidos junto de vários personalidades que privaram de perto com Amílcar Cabral.

Numa linguagem simples e acessível, o livro procura ser uma reflexão lúcida e perspicaz sobre os movimentos de libertação de África. José Eduardo Agualusa escreve no prefácio ao livro que “Amílcar Cabral nasceu guineense e cabo-verdiano, numa generosidade pan-africanista que,

paradoxalmente, haveria de ser a sua desgraça. Tenho para mim que foi uma das figuras mais interessantes do século XX, uma espécie melhorada (muito melhorada mesmo) de Che Guevara africano”.

Ainda segundo o autor de “Nação crioula”, esta biografia tenta devolver ao grande público essa figura maior de África, hoje desconhecido pelas gerações mais jovens. “Fá-lo numa linguagem jornalística, apoiada numa investigação rigorosa. O facto de o seu autor, António Tomás, ser angolano, não me parece irrelevante. Trata-se de dar a ver um pensador e combatente africano numa perspectiva africana. Algo que teria certamente agradado a Amílcar Cabral”.

António Tomás nasceu em Luanda, em 1973. É jornalista e antropólogo e tem colaboração frequente em vários órgãos da imprensa. Começou em Angola e mais tarde, a residir em Lisboa, escreveu para vários periódicos, entre os quais o jornal “Público”. Membro fundador do Grupo de Teatro Museu do Pau-Preto, foi autor e co-autor de peças representadas em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente “Museu do Pau Preto” e “Cabral”.

Actualmente, Tomás divide as suas tarefas profissionais entre Luanda, Lisboa e Nova Iorque, onde se encontra desde 2004 a fazer um doutoramento em antropologia na Universidade de Columbia, sob o tema “Os efeitos da dolarização no nível de vida das populações em Angola”.

OL



O FAZEDOR DE UTOPIAS
UMA BIOGRAFIA DE AMILCAR CABRAL



ANTÓNIO TOMAS



Cabo Verde e Açores homenageiam Manuel Lopes

A Embaixada de Cabo Verde em Lisboa homenageia hoje o escritor Manuel Lopes, por ocasião do centenário do seu nascimento, numa cerimónia que se realiza às 21h30, na Casa dos Açores. Guilherme d' Oliveira Martins e Alberto de Carvalho são alguns dos oradores deste acto que pretende distinguir aquela figura do movimento claridoso.

Manuel António dos Santos Lopes nasceu a 23 de Dezembro de 1907 em S. Nicolau, foi um dos fundadores da revista “Claridade”, tal como Baltasar Lopes, Jorge Barbosa, João Lopes, entre outros.

O autor de “Chuva Braba” e “Os Flagelados do Vento Leste” viveu largos anos nos Açores, onde escreveu parte da sua obra. Morreu em 2005 em Lisboa e era o único sobrevivente de “Cla-

ridade”, revista surgida no Mindelo em 1936 e que marca o nascimento da moderna literatura cabo-verdiana.

Do programa desta homenagem conjunta a Manuel Lopes constam alocações do presidente de Direcção da Casa dos Açores, Eduíno de Jesus, e do conselheiro da Embaixada de Cabo Verde, Eduardo Jorge Silva.

Serão apresentadas ainda comunicações sobre os Açores e Cabo Verde segundo a “Emigração: Afinidades e Diferenças”, por Alzira Serpa Silva, directora regional das Comunidades, do governo regional dos Açores, e “A Evolução da Literatura Cabo-verdiana no século XX: do Nativismo ao Nacionalismo”, por Guilherme de Oliveira Martins, presidente do Centro Nacional de Cultura. Alberto Carvalho, professor da Faculdade de Letras de

Lisboa, dissertará sobre Manuel Lopes e a Geração Cabo-verdiana da Claridade no Contexto da Literatura Portuguesa do século XX.

Fora isso, haverá leitura de poemas de autores cabo-verdianos e açorianos: Jorge Barbosa, Pedro da Silveira, Osvaldo Alcantára, Armando Rocha, Pedro Corsino Azevedo e Otilia Frayão, além do próprio Manuel Lopes.

Além dos romances “Os Flagelados do Vento Leste”, e “Chuva Braba”, Manuel Lopes publicou também contos (O galo que cantou na Baía), poesia (“Horas Vagas”, “Poemas de Quem Ficou”) e ensaios (“Temas Caboverdianos”). O seu último livro é “Falucho Ancorado”, uma compilação de poemas com alguns inéditos, dado à estampa em 1997.

OL

Mário Lúcio louva o “*Badyo*”, o primeiro liberto de Cabo Verde



O novo disco de Mário Lúcio, “*Badyo*”, está pronto e vai ser colocado no mercado a 14 de Dezembro, na Praia, e no dia seguinte, no Mindelo. Depois, em Janeiro, o autor de “*Ilha de Santiago*” leva “*Badyo*” em digressão à Alemanha.

Terceiro álbum a solo de Mário Lúcio, este trabalho, confessa o próprio autor, é um sonho antigo que agora se concretiza, baseado na “*busca das origens da música de Cabo Verde*”. Uma experiência, reconhece também, que vem dos Simentera, grupo acústico que ajudou a fundar e a moldar nos anos noventa.

Na linha de “*música com história*”, a que já nos habituou, Mário Lúcio “*viaja*” no tempo através de vários géneros, passando da reza ao funaná, morna, lamento, tabanka, etc. Saliente-se, já agora, a quarta faixa, “*Diogo e Cabral*”, um funaná que nos fala de Diogo Gomes, lá no alto do Plateau, a olhar para o parlamento, e de Amílcar, em baixo, na Várzea, a olhar para o cemitério, numa ironia muito crioula... Mário Lúcio recusa, porém, qualquer leitura política mais apressada. “*Eu não tenho nenhuma canção política, porque eu tenho outra concepção da arte*”, esclarece.

Constituído por 16 faixas, sendo as composições da sua autoria, Mário Lúcio faz-se acompanhar neste seu terceiro álbum por um naipe de músicos cabo-verdianos, africanos, europeus e de outras paragens, confirmando a sua “*vocação*” multiculturalista. Aliás, além de um hino ao primeiro cabo-verdiano livre, o “*badyo*”, este CD é também ele um hino à mestiçagem, elogiado pelo moçambicano Mia Couto, que assina um dos textos que acompanham o disco.

“*Badyo*”, explica Mário Lúcio, numa entrevista a ser publicada na íntegra em “*asemanaonline*”, “*é o título mais justo para um tipo de trabalho como este*”, recusando com isso qualquer conotação provocativa. “*O nosso antepassado mais longínquo possível é o badio. Ele é aquele homem, africano, que foi trazido para aqui e que não tinha como regressar ao continente. Ficou, plantou-se e reivindicou esta terra, a partir de um determinado momento, como sendo sua. É esse homem que vou buscar como sendo o tronco comum de todos os cabo-verdianos e não apenas o habitante de Santiago*”.

Formado em direito em Cuba, onde também estudou música, Mário Lúcio é um artista multifacetado, que reparte o seu talento pela música, literatura, teatro, dança e artes plásticas. Há oito anos deixou a advocacia para dedicar-se por inteiro à arte, em especial à música. Não está arrependido. Afirma-se feliz consigo próprio e com o seu país, daí um certo ufanismo que parece perpassar por este seu terceiro álbum a solo. “*Eu me sinto muito bem, mas para isso foi preciso um grande esforço de reconciliação, de compreensão, até porque, nestas coisas, os cabelos brancos ajudam*”, confessa.

JVL

Vasco Martins apresenta seu novo trabalho em concerto hoje na Praia

Vasco Martins estará hoje, 23, em concerto na Praia para apresentar o seu novo trabalho discográfico “*4 Sinfonias*”, no auditório do IC- CCP. ‘*Arquipélago Magnético*’, ‘*Buda Dharma*’, ‘*Monte Verde*’ e ‘*A procura da luz*’, são as quatro sinfonias da autoria de Vasco Martins - executadas pela North Czech Philharmonic Orchestra sob a batuta do maestro Charles Olivieri-Munroe, no Teplice Concert Hall, na República Checa, entre Outubro e Novembro de 2006 - que compõem o repertório deste trabalho.

Vasco Martins gravou o seu primeiro disco (“*Vibrações*”) em 1979, tinha ele 23 anos. Estudou música em Portugal (com o prestigiado compositor e maestro Fernando Lopes Graça) e em França (com o compositor Henri-Claude Fantapié). Em 1984, o seu trabalho Quinto Mundo fez parte da Tribuna dos Compositores da UNESCO.

Danças de Câncer (para orquestra sinfónica) assinala o regresso de Vasco a Cabo Verde, aos sons das ilhas. Onde a lua, o vento, o quebrar das ondas, as montanhas estranha e silenciosamente musicais inspiraram ao compositor, ao longo de dez anos, outras oito sinfonias. “*Ritual Periférico*”, “*Lunário Perpétuo*”, “*Sublime Delight*”, “*Danças de Câncer*”. E agora as “*4 sinfonias*”, que vai lançar hoje sexta-feira, pelas 19 horas no IC-CCP, com apresentação de Mário Lúcio Sousa.

CM





Gil Semedo

grava 13º disco de originais

Gil Semedo entrou por estes dias em estúdio, para gravar o 13º disco de originais da sua carreira. Com um repertório de 12 novas canções, o CD deverá chegar ao mercado entre Maio e Junho de 2008. Pelo meio, em Dezembro, faz um intervalo nas gravações para, pela primeira vez, passar o Natal e o Fim do ano na terra que o viu nascer. E aproveita para dar alguns concertos.

“Não posso ainda dizer muito sobre o disco, pois estamos no início das gravações, mas é certo que trabalhando com músicos criativos como são estes que estão comigo, deixo o caminho aberto, vamos aonde a inspiração nos levar”, afirmou Gil Semedo ao **Kriolidadi** em conversa via telefone a partir da Holanda, onde está a gravar o 13º disco de originais da sua carreira.

Nesta caminhada rumo a mais um CD, Cabo Verde é a raiz que revivifica, alimenta, dá o mote ocupa um lugar especial, conforme Gil Semedo: “Cabo Verde é o ambiente perfeito para me inspirar”. Gil Semedo, que neste novo disco tem Manu Lima como produtor, virá por isso ao país para dois concertos, nos dias 5 e 6, em Ribeira Brava, São Nicolau, durante as festas do município.

E, facto surpreendente, será a primeira vez que o cantor passará o Natal e o Fim do Ano em Cabo Verde. “Vai ser maravilhoso”, declara Gil Semedo, que aproveitará a estada em Cabo Verde para também participar nas actividades da Fundação Renascer: “Quero dar-lhe o meu apoio na luta contra a sida”, diz o cantor, o único artista cabo-verdiano que tem clubes organizados de fãs.

TSF

Cantando para as crianças

Gilyto Semedo e Nancy Vieira são dois dos cantores dos PALOP que participam em “O Canto dos Animais”, um CD+DVD dedicado a crianças, que será lançado a 7 de Dezembro, em Lisboa. Parte dos lucros reverterão a favor da Associação de Apoio às Crianças Carenciadas dos PALOP.

Para além dos dois músicos cabo-verdianos, cantam neste CD+DVD artistas como Micas Cabral, Danny L, Zizzy, David, Rui Sangará, Miriam Vieira e Iara. São oito faixas, incluindo um bónus, cada uma com uma mensagem especial e a performance de um animal: papagaio, flamingo, golfinho, tubarão, urso, girafa e elefante.

A iniciativa é da GMS Productions, editora de música presidida por Gilyto Semedo, e da ANDINOS, companhia peruana de videos sediada em Lisboa, Portugal.



Tcheka no Festival Sons em Trânsito

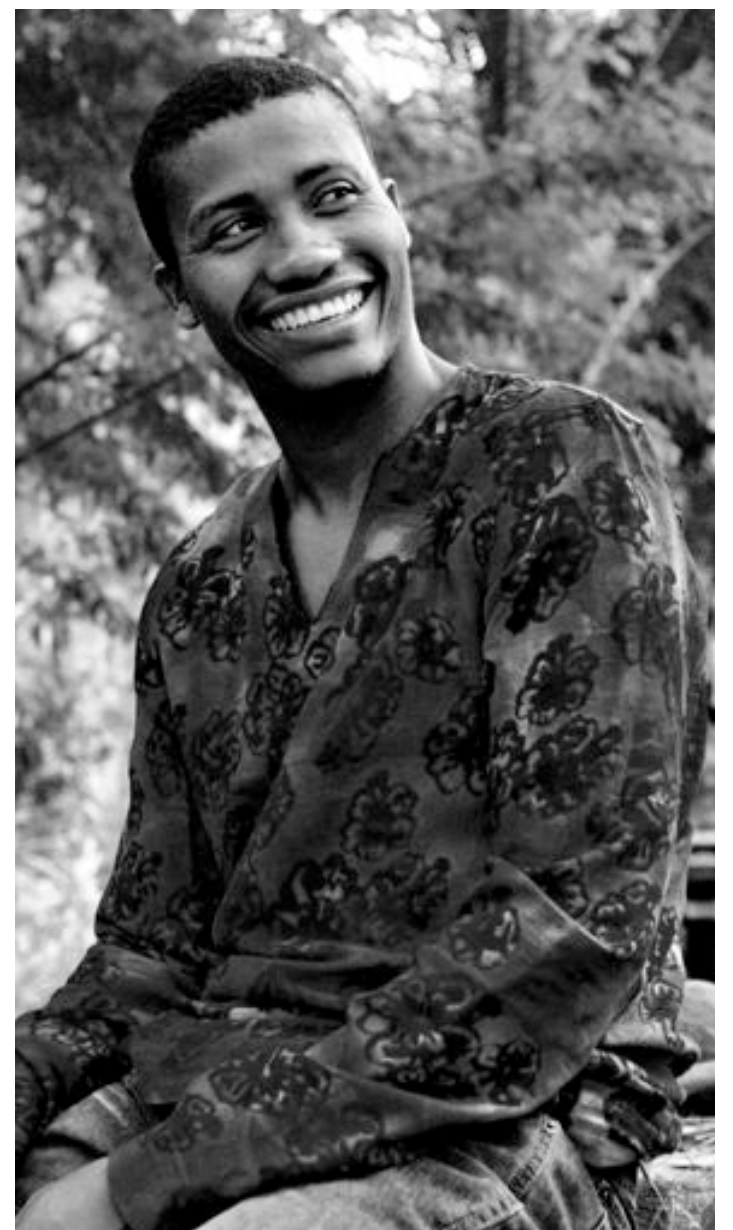
Tcheka actua no próximo dia 30, às 21h30, na Sala Principal do Teatro Aveirense, em Portugal. O concerto do cantor cabo-verdiano, que na estrada a lançar o espaço seu mais novo disco (Lonji), faz parte do Festival Sons em Trânsito, que acontece de 28 a 1 de Dezembro.

O Festival Sons em Trânsito começa na próxima quarta-feira, 28, com o espectáculo do grupo Fanfare Ciocarlia, da Roménia. Seguem-se os portugueses Deolinda e Sérgio Godinho (dia 29), Tcheka, o primeiro artista cabo-verdiano a participar no evento e a inglesa Jane Birkin (dia 30). A encerrar, no sábado, actuam o canadiano Gonzalez e o italiano Vinicio Capossela (dia 1 de Dezembro).

Músicos e estilos que deram ao Festival Sons em Trânsito, “um forte cariz urbano e contemporâneo”. “Estamos agora mais abertos a todo o tipo de música. Esse sempre foi o nosso objectivo: menos ortodoxos, mais heterogéneos”, declarou o criador e produtor Vasco Sacramento ao Jornal de Notícias.

E, num futuro próximo, o Festival Sons em Trânsito poderá estender-se a Espanha, mais concretamente à Galiza e Salamanca, e, também, para outras localidades portuguesas, como Famalicão. “O festival nunca vai deixar de estar sediado em Aveiro, mas estes são dois caminhos naturais de saída”, afirmou Vasco Sacramento

TSF





Mito representa Cabo Verde em Belo Horizonte

O artista plástico Mito Elias é um dos destaques do Espaço Brasil-África da 18ª Feira Nacional de Artesanato, que decorre em Belo Horizonte, Minas Gerais, e que este ano homenageia a África. Os quadros do pintor cabo-verdiano estão expostos ao lado das obras de outros artistas africanos, entre eles o moçambicano Malangatana.

Nesta sua primeira visita ao Brasil, Mito expõe os seus mais recentes trabalhos elaborados a partir de uma técnica por ele desenvolvida a partir de material reciclado como pedaços de papel Kraft, jornais e anotações do seu próprio punho, etc. O resultado disso são telas feitas através de uma linguagem plástica original, que ele denomina de *mare calamus*, cujas raízes situam-se, afirma, no imaginário e na tradição oral cabo-verdiana.

Sobre o Brasil, o artista que nasceu na Cidade da Praia, e desde 1989 trabalha e vive em Portugal, diz ter encontrado muitas semelhanças. “*Tal como o brasileiro, o povo de Cabo Verde é afectuoso, gosta do toque e tem muito senso de humor*”, afirma. Um senso de humor que, no caso deste cabo-verdiano, está presente em quadros como “*Vago Mestre*” ou melódicos como “*Na Som de Kiriolu*”, que Mito traduz livremente como “*Sonoridades Crioulas*”.

HOMENAGEM À ÁFRICA

De acordo com a organização, ao longo dessa semana cerca de 200 mil pessoas devem visitar a Feira Nacional de Artesanato de Belo Horizonte, que já é reconhecida como o maior evento do género na América Latina e que conta com a presen-

ça de 8.600 expositores, distribuídos por mais de mil stand's.

Além de artesãos de todos os estados brasileiros, a Feira conta este ano com a participação de 12 países, inclusive de África, casos de Cabo Verde e Moçambique. A estimativa é que durante o evento o volume de negócios supere os 40 milhões de dólares em vendas directas. Já os 150 lojistas estrangeiros devem somar um milhão de dólares em vendas imediatas, e outros três milhões em exportações para o Brasil nos meses seguintes.

A exuberância das cores e formas, a sonoridade vibrante do som dos atabaques, o sabor acentuado dos alimentos, o sorriso aberto das artesãs do Zimbabué fazem do Espaço Brasil e África de Mãos Dadas a principal atracção da 18ª Feira Nacional de Artesanato. A edição deste ano presta uma homenagem ao continente africano, permitindo ao público revisitar as raízes da cultura brasileira. Logo na entrada do Espaço, quadros de Mito dão as boas-vindas aos visitantes, para este que pretende ser um reencontro com um universo em que a riqueza de cores e formas inunda os sentidos.

Além de Cabo Verde e Moçambique, estão representados no certame artesãos do Uganda, Senegal, Tunísia, Marrocos, Quênia e Zimbabué, que mostram a riqueza africana no domínio da arte popular e do artesanato. Peças que encantam pela simplicidade e beleza. Mas também “*mulheres de África*” e “*Meninas de Minas*” moldadas em argila pelo artesão Wellington Souza, de Montes Claros, cidade localizada no norte de Minas Gerais.

CIDA OLIVEIRA, em Belo Horizonte

Clotilde Fava expõe na Cidade da Praia

A pintora portuguesa Clotilde Fava abre hoje, no Hotel Trópico, cidade da Praia, a sua exposição “*Mulheres de Cabo Verde*”, pelas 18h30.

Natural de Lisboa, onde completou o curso de Escultura da Escola Superior de Belas-Artes, Clotilde Fava é membro

da Sociedade Nacional de Belas Artes, da ACEA de Barcelona e ainda do Conselho Consultivo da Casa-Museu João Soares. A partir de 1961, participou em numerosas exposições individuais e colectivas em Portugal, Espanha e França. Ilustrou livros de poesia e encontra-se representada

em várias colecções particulares, instituições e museus.

Clotilde Fava, apresenta nesta mostra quadros inspirados na mulher cabo-verdiana do meio rural. Em Dezembro será a vez da cidade de Bona, na Alemanha, receber os trabalhos da pintora. CM



IC-CCP faz exposição sobre a vivência pós-colonial



O Instituto Camões exhibe no Auditório do IC-CCP na Praia, de 29 de Novembro a 4 de Janeiro a mostra “*Troca de Olhares*” que reúne trabalhos de vídeo, desenho, escultura e fotografia dos artistas portugueses, Ângela Ferreira, Vasco Araújo, Maria Lusitano e Francisco Vidal

Tendo por comissária Isabel Carlos, a exposição apresenta obras de quatro artistas portugueses de diferentes gerações que reflectem sobre o passado recente, especificamente sobre a vivência no pós-colonialismo. “*Troca de Olhares*” apresenta o registo do sentir artístico dessa vivência, desta feita no país colonizador (Portugal).

O vídeo, o desenho, a escultura e a fotografia foram os meios escolhidos pelos quatro artistas para registar essa reflexão, o que não é comum no que concerne ao tema.

Ângela Ferreira é uma pioneira desta reflexão no campo das artes plásticas daí ser também a artista com maior número de obras nesta mostra, a que se alia o registo de um arco temporal muito mais alargado.

Vasco Araújo, Maria Lusitano e Francisco Vidal nasceram todos em Lisboa, na década de 70, ou seja, cresceram já em democracia e no pós-colonialismo.

“*Troca de Olhares*” busca ser uma permuta de experiências, vivências, reminiscências e identidades entre os artistas e o contexto onde são apresentados, daí a inauguração servir de pretexto para muitas outras actividades paralelas.

Assim, no dia 29, após a abertura da exposição, acontece uma mesa-redonda sobre “*Tendências da Contemporaneidade*”, que contará com a participação da Comissária Isabel Carlos e dos artistas Francisco Vidal (Portugal) e Abraão Vicente e Danny Spínola (Cabo Verde).

Já no dia 30, na MEIA - Mindelo Escola Internacional de Artes, terá lugar a apresentação de um workshop sobre “*Curadoria e Arte Contemporânea*”, com a presença de Isabel Carlos e dos artistas plásticos Leão Lopes e Francisco Vidal.

Navegue

Para conhecer a arte africana contemporânea, que se faz a partir do continente África e de outros cantos do mundo, nomeadamente o trabalho de artistas cabo-verdianos e dos PALOP, clique em www.arteafrica.info. O site é o primeiro resultado público do projecto **ArtAfrica**, caracterizado pelo seu carácter transversal e inovador e promovido, desde 2001, por iniciativa do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, no quadro da política de ajuda ao desenvolvimento daquela instituição. O site foi associado ao projecto **Dislocating Europe**, com sede no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Neste momento tem um novo design, que resulta da intenção da Fundação Calouste Gulbenkian de garantir a continuidade e o desenvolvimento da iniciativa através da sua associação a um projecto com objectivos afins.

Para saber mais sobre Clotilde Fava e o seu trabalho visite o site da pintora em www.clotildefava.com. Com uma estrutura simples, este sítio divide por temas as obras da artista que inaugura hoje uma mostra no hotel Trópico.

Mare Calamus é o título do site do artista plástico Mito no endereço www.tambo-ru.org/mito/. Calendário de exposições, reprodução de quadros, fotografias, vídeos e edições da revista cultural *Sopinha do Alfabeto* são alguns dos conteúdos acessíveis à distância de um clic.

Nôs Música no mundo



Nancy Vieira apresenta “Lus”, o seu terceiro disco a solo, no Teatro Trindade, em Lisboa, na próxima quinta-feira, 29. Em “Lus”, Nancy Vieira aposta no cruzamento das sonoridades cabo-verdianas com ritmos de outras paragens, nomeadamente do Brasil e Cuba, mas o seu rumo é a universalidade musical.

Lura actua hoje, 23, na cidade de Benicàssim, em Espanha. Lura vai apresentar aos espanhóis daquela região, o seu mais recente trabalho discográfico – “*M’Bem di Fora*”.

Mayra Andrade estará em concerto hoje, 23, na cidade espanhola de Saragoça, depois de no dia 21 ter dado um espectáculo na cosmopolita Barcelona. Mayra segue na próxima semana para a Grécia, onde fará dois shows, na capital, Atenas.

Espectáculos



Biús é a estrela do Alta Lua (MindelHotel) neste fim-de-semana. Hoje, junto com Chico Serra e Diva Barros, o cantor dá música aos convivas de um jantar self-service. E amanhã, 24, lidera o concerto “*Bius&Friends*”.

Dois gerações, dois estilos, duas vozes iluminam as noites musicais de hoje e amanhã, 23 e 24, do Bar Lobby (Hotel Porto Grande). Uma, a de Edson, a promessa que está a firmar-se, com certeza no firmamento das estrelas musicais do Mindelo. Outra, a de Constantino, um compositor de créditos seguros e voz consagrada quer nas mornas quer nas coladeiras.

Os “Rappers Unid” celebram este mês o seu 10º aniversário. Para assinalar a data, o grupo de São Vicente dá um concerto no dia 24 de Novembro, no Centro Cultural do Mindelo, às 21h00.



“Do Fado à Morna” é o percurso que Bana propõe para um concerto que faz acontecer hoje, 23, no Auditório da Aula Magna, em Lisboa. O rei da morna (Bana, na Foto) será acompanhado pela sua banda habitual de música tradicional cabo-verdiana e pela Nova Orquestra Sinfónica de Lisboa, dirigida por Albertino Monteiro. Pelo palco passarão mais de 50 músicos, entre eles Luz Maria, Sérgio Velhinho, Rosette Silva e Cláudia Affonso.

Rui Lima, Aurélio Santos, Kiss e Betinho são as atracções musicais do Quintal da Música para a noite de hoje. Amanhã, sábado, também pelas 21 horas, o palco será dos artistas “*da casa*” Albertino e Zeca Couto, em mais uma noite de mornas e funaná.

O pátio do CCF recebe desta feita a actuação do grupo República, no âmbito de um programa a que chamaram *Santia’ Rap*, que visa dar espaço a uma certa forma de expressão urbana através da música. Depois dos Bairro Side e dos Revolução, esta sexta, pelas 20h30, o palco será dos MCs Dapox e Buddha.

Lançamento

Yara Santos lança este domingo, 25, em Paris o seu livro “Ildo Lobo, a voz crioula”.

A iniciativa partiu da embaixada de Cabo Verde em França e a apresentação estará a cargo do assessor cultural David Leite. O evento terá lugar no salão nobre da embaixada pelas 17 horas.

Leia

A “*Antologia Temática de Poesia Africana 1 – Na noite grávida de Punhais*”, de Mário de Andrade, editada pelo Instituto Cabo-Verdiano do Livro (1980). Autores cuja obra é analisada neste livro: Aguinaldo Fonseca, António Nunes, Gabriel Mariano, Mário de Andrade, Mário Fonseca, Onésimo Silveira, Osvaldo Alcântara, Ovídio Martins, e Pedro Corsino Azevedo. O obreiro desta antologia, Mário de Andrade, é autor de vários ensaios de carácter político e literário.

Fogo já tem sua primeira Escola de música

A ilha do Fogo já tem a sua escola de música, numa iniciativa do artista fogueense Michel Montrond. O acto de lançamento, aconteceu ontem quinta-feira, 22, no hotel Xaguate em São Filipe, e contou com a presença do artista brasileiro Márcio Rosa. A noite foi de literatura, dança e muita música.

Michel Montrond, 26 anos, justifica esta iniciativa de abrir uma escola de música como meio de formar, promover e valorizar o ambiente cultural fogueense. Contando com o “*djunta mon*” de todos os artistas desta ilha, Michel espera “*dinamizar a sociedade fogueense à volta de um ambiente de formação musical, promover e congregar esforços para*

dar o merecido valor à cultura fogueense”.

Natural de Estância Roque, Michel Montrond começou a dedilhar o cavaquinho aos 16 anos. Viveu também em Santiago, onde pôde aprimorar a sua técnica musical, especial no violão, e, afinando a voz, cantar as suas composições pelos bares e restaurantes do Fogo. Nesta vivência absorveu o batuco de Santiago mas também canta slows e mornas da sua autoria. O seu sonho é o mesmo que persegue todos os artistas: gravar um disco de originais. Michel é um “*habitué*” nas festas do município de Santa Catarina, onde tem grande aceitação junto dos seus patricios.

Nicolau Centeio

